

SOBRE AS REFLEXÕES DE CHRISTOPHER BOLLAS A RESPEITO DO FASCISMO E DO GENOCÍDIO

CHRISTOPHER BOLLAS' THOUGHTS ON THE
THEME OF FASCISM AND GENOCIDE

Lucas Krüger¹

Resumo: Este escrito se propõe a ser uma apresentação introdutória do pensamento de Christopher Bollas acerca do tema do fascismo e do genocídio, visto que este pensamento se faz presente apenas em colocações esparsas, mas principalmente através do capítulo "O estado de mente fascista" do livro *Being a character: psychoanalysis & self experience*, com tiragem esgotada e fora de catálogo no Brasil há tempos. Dessa maneira, a pretensão do escrito é tornar acessível o que estava inacessível, mas também reunir e comentar uma produção que propicia novos ângulos sobre o tema.

Palavras-chave: Psicanálise e fascismo. Fascismo intelectual. Genocídio intelectual.

Abstract: This writing proposes to be an introductory presentation of Christopher Bollas' thoughts on the theme of fascism and genocide, since these thoughts are present only in sparse statements, but mainly through the chapter "The fascist state of mind" of the book Being a character: psychoanalysis & self experience, which has been sold out and has been out of print in Brazil for some time. In this way, the intention of the writing is to make accessible what was inaccessible, but also to gather and comment on a production that provides new angles on the subject.

Keywords: Psychoanalysis and fascism. Intellectual fascism. Intellectual genocide.

Uma reflexão mais explícita sobre o fascismo não ocupa um lugar central na obra de Bollas, visto que este possui mais de quinze livros publicados, e a palavra "fascismo" se manifesta pouco dentro deste contexto. Mas podemos reconhecer a temática no pensamento do autor sempre que este se refere à alteridade, à diferença e à singularidade. Como a obra do autor é vasta, não caberia rastreamos cada conceito seu que poderia ligar-se ao que ele pensa sobre o fascismo, sob o risco de ter que escrever um novo – e grande – livro apenas sobre isso. Ocupemo-nos do que o autor explicitamente nomeia como algo da ordem do fascismo.

Este escrito pretende oferecer ao leitor brasileiro o acesso ao pensamento de Christopher Bollas acerca do tema, visto que tal material se encontra em um livro de 1992 com tiragem já esgotada há tempos ou em trechos de entrevis-

¹ Escritor, editor da Artes & Ecos (editora especializada na publicação de livros de poesia e ensaios de psicanálise) e psicanalista membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
E-mail: lucas_kruger@hotmail.com

tas, de forma dispersa. O fato de o pensamento de Bollas não ser amplamente conhecido no Brasil e de a grande maioria de seus livros que foram traduzidos estar esgotada, além de seu estilo experimental de escrita (de deixar lacunas expostas em algumas ideias que apresenta), faz com que este trabalho introdutório sobre o tema do fascismo e do genocídio possa vir a ser uma forma de tomar contato com essa temática dentro da vasta obra do autor.

Portanto, este escrito é uma espécie de compilado que tem como objetivo ser um documento que acompanha a embrionária reflexão do autor sobre o tema. Mas, para além da apresentação dessa temática na obra do autor, este texto possui a função de oferecer novos ângulos para pensar o fascismo, tomando como partida o mundo interno, sem deixar de refletir sobre o funcionamento das instituições psicanalíticas, os movimentos de massa e a contemporaneidade.

“O estado de mente fascista”, capítulo presente no livro *Being a character: psychoanalysis & self experience* (Bollas, 1998), é o único texto em que Bollas dedica-se exclusivamente ao tema. Portanto, iremos acompanhar o pensamento do autor a partir desse escrito, eventualmente trazendo algum acréscimo sem sair demasiadamente do rumo pensado por este. À medida que vamos avançando, chegaremos às contribuições mais esparsas de Bollas sobre o que este convencionou chamar de “fascismo intelectual” nos grupos, instituições e escolas psicanalíticas, bem como a importância de, enquanto psicanalistas, refletirmos sobre.

I. O ESTADO FASCISTA E GENOCIDA DE MENTE

Antes de continuarmos é imprescindível lembrar que Bollas pensa as teorias psicanalíticas como o que poderíamos chamar de “objetos teóricos de uso” auxiliares à nossa escuta e intervenção clínica. Ou seja, os textos (as teorias) servem como ferramentas que podem ou não ser usadas. São pensamentos compartilhados entre colegas e que possuem *potencial* para serem utilizados, jamais como uma fórmula ou verdade única. A “boa convivência” (e bom uso) de diversos objetos teóricos dentro do analista seria uma das formas de combater o que Christopher Bollas convencionou chamar de *estado de mente fascista*.

No texto sobre o estado de mente fascista, Bollas cita inúmeros autores, mesmo que de forma breve, a fim de compor uma espécie de mosaico sobre o que estaria a lhe chamar a atenção em nível teórico-clínico. Ao mesmo tempo que cita pontualmente muitos psicanalistas e pensadores, como Freud, Fairbairn, Winnicott, Khan, Stoller, O’Sullivan, Chasseguet-Smirgel, Hampshire, Nietzsche, Arendt, dentre muitos outros, segue seu próprio pensamento como uma composição de notas a partir destes.

De início, Bollas sinaliza que Freud não se dedicou como poderia ao tema do terror e do genocídio, pontuando a existência histórica de genocídios pré-Holocausto (e também pós-Holocausto). O principal exemplo utilizado por ele é de 1915, quando o governo otomano decretou que os armênios perderiam os direitos de cidadão comum, o que deu partida a um genocídio de pelo menos 800 mil pessoas. Ao reconhecer e afirmar a existência de um “massacre que não se inscreveu na ordem simbólica do pensamento ocidental” (Bollas, 1998, p. 156), Bollas estaria a fazer um papel deveras ferencziano (ainda que este não seja citado pelo autor) (Ferenczi, 1992) de reconhecimento do vivido traumático como possibilidade de luta contra uma cisão que rejeita o que foi esta vivência. De fato, o genocídio armênio não possui até hoje o devido reconhecimento, seja através do governo turco, seja pelo mundo ocidental como um

ARTIGO

todo. Podemos notar também que o escrito de Bollas faz um esforço para não se ater ao Holocausto, mas abrir-se a genocídios “menos trabalhados”, se assim podemos dizer. Há uma função estética de sua escrita e, ainda que ele não nomeie no texto – como de costume –, é nítida aqui a presença de seu conceito *unthought known*², que pode ser traduzido por “conhecido não pensado” ou “impensado conhecido”³, a depender do acento que o intérprete pretende. O conceito de *unthought known* é bastante amplo e complexo, e vincula-se à ordem estética e procedural-transformacional das relações objetais, mas também levaria em conta o que poderia ser da ordem do que se convencionou chamar de traumático e do irrepresentável. Exemplificando: se pensarmos o *unthought known* no contexto do genocídio e a partir do ponto de vista clínico psicanalítico, estaríamos a dizer que Bollas menciona em seu texto o genocídio armênio em um esforço intelectual de tornar pensável para a humanidade o que está com um status de impensado/não pensado. Ou, ainda, mostrar que há muitos outros casos para além do Holocausto que se movimentam dentro da lógica do genocídio e do fascismo. Teríamos inúmeros exemplos do tipo na África contemporânea, e aqui mesmo no Brasil...

Bollas está a tentar descrever o que vai ainda além da questão do reconhecimento e do pensável, da tolerância das diferenças e da alteridade. Sua proposta é refletir sobre o destruir/matar tudo o que não é reconhecido como “si mesmo” ou parte de si. “No genocídio uma pessoa é morta pelo que ela é, não pelo que ela faz” (Bollas, 1998, p. 157). Ao pegar emprestada a factualidade da existência dos Estados fascistas, Bollas elabora uma reflexão sobre a existência de um estado fascista da mente. Para ele, habita um estado mental fascista em cada um de nós, seres humanos, partindo da premissa de que o sujeito é composto de várias partes do *self*.

Estas partes correspondem ao funcionamento corrente da mente (estudos da mente de acordo com Freud, Klein, Fairbairn e Winnicott) e aos diversos *selves* e objetos representados no mundo interno. É quase como uma organização parlamentar, na qual os instintos, lembranças, necessidades, ansiedades e respostas aos objetos buscam representação na *psyché* para seu processamento mental (Bollas, 1998, p. 158).

Bollas indica que poderiam ocorrer situações em que o mundo interno perderia sua função parlamentar e “evoluiria” para uma ordem interna menos representativa. Haveria *assassinatos* intrapsíquicos de partes do *self* e que seriam, como pensa Rosenfeld⁴, seguidos de identificações com as partes narcísicas destrutivas. Ou talvez *duplicações*, conforme pensou Lifton⁵ – divisões do *self* em duas metades atuantes “independentes”, onde um *self* parcial atuaria como um completo.

Bollas não se atém a diferenciar os mecanismos que podem estar em jogo, preferindo pensar que cada autor psicanalítico pode trazer algum acento teórico interessante e que vale mais escutar a todos do que propor uma verdade totalitária de como funcionariam tais mecanismos. Sua ideia é reconhecer a pluralidade teórica.⁶ Para Bollas, independentemente dos mecanismos psíquicos envolvidos, o estado de espírito fascista se estabelece com o objetivo de eliminar toda e qualquer oposição. Há algo que o movimenta em busca de uma “explicação total”, que elimina a relação e o aprendizado com o diferente, buscando eliminar a diferença e a coexistência – um estado mental que quer dominar todo o restante. Estaríamos falando de uma mente não complexa que busca uma simplificação através de uma repetição aliada a signos ideológicos

que pulsam tal qual um slogan. As dúvidas, as incertezas e os auto questionamentos são eliminados, interpretados internamente como fraqueza. O fascismo e o genocídio seriam paradoxalmente fruto e criação de um vazio moral, algo presente nos perversos.

Esse mesmo funcionamento, que operaria no sujeito e suas partes, operaria também no mundo externo:

O vazio moral gerado pela violência simplificadora de uma ideologia que não tolera uma verdadeira oposição é também uma consequência essencial deste estágio na evolução do estado de mente fascista. Pois, embora a ligação de signos e o poder da certeza possa embotar a visão do sujeito com a condescendência, o vazio moral criado pela destruição da oposição começa a fazer sentida a sua presença. Neste ponto o sujeito precisa encontrar uma vítima para conter este vazio, e então o estado de mente se torna um ato de violência. Na margem do seu próprio vácuo moral a mente faz uma ex-cisão em seu *self* nuclear morto e o projeta na vítima, daí para a frente identificada com o vazio moral. Para cumprir esta transferência, a mente fascista transforma o outro humano numa não-entidade disponível, uma bizarra transferência especular do que já ocorreu na própria experiência de *self* fascista (Bollas, 1998, p.162).

Bollas se inspira nas oposições de forças e senhorios das instâncias psíquicas freudianas de id, ego e superego para falar de uma radical violência entre partes do *self* que funcionariam de modo fascista. Nesse caso, podemos dizer que Bollas faz a transposição de um modelo psíquico freudiano para a radicalidade que é a violência interna entre partes de si mesmo, apontando para circuitos de destruição interna. Passa-se a negar o que foi destruído em si e no outro, e a parte sobrevivente do *self* mantém-se idealizada sob um delírio de grandiosidade, com medo de ser contaminada pela parte rejeitada e doravante projetada em um ente/receptáculo do mundo externo. Logo, um círculo vicioso de delírio de grandiosidade aliado a um delírio persecutório se estabelece. “Neste ponto, se idealiza o processo de aniquilação a fim de suprir a mente fascista das condições essenciais para o narcisismo delirante” (Bollas, 1998, p. 162).

Nessa proposição acerca do fascismo, vemos que há uma parte dentro de si que quer matar outra. Bollas não se atém a descrever situações que levariam a tamanha violência interna, preferindo deixar que elucubremos. Para ele é importante acentuar que há algo que morre em si. E esse morto dentro de si, sentido como um intruso ou como um vazio, é projetado e atacado no externo. O outro humano passa a ser não um humano, mas um depositário tanto do que está morto em si quanto do que se quer matar em si.

Assim é construído e idealizado um narcisismo delirantemente grandioso que nega as qualidades do outro e do diferente. É ao extinguir e aniquilar as outras partes do *self* ou o outro externo que esse narcisismo delirante retroalimenta-se. As partes não identificadas com o narcisismo delirante são expurgadas, deixando um espaço vazio sem contato, sem passado, e com um futuro inteiramente fruto desse delírio. Sua proposição é de que uma parcela fascista da mente ocupa uma parte territorial desapropriada de outros territórios-estados da mente. E deixando-os vazios passa a dominá-los e comandá-los. Seu pensamento parte de uma ideia de estados internos que, mais do que subjugar outros, aniquilam.

Tal estado de mente exalta a virtude de ser puro, descontaminado, porque quando nada é absorvido pelo self a psyché vive com o sentimento de uma consumação asséptica mantendo a pureza por direito próprio, alcançado pela contínua eliminação oral do nocivo. Nós podemos encontrar este fenômeno, entretanto, na vida normal, seja ele pronunciado pelos que ousam reivindicar a posição de cristianismo puro, objetividade pura, ciência pura, ou, ousando dizer, análise pura! (Bollas, 1998, p. 163).

O estado de guerra (não um conflito neurótico), no mundo interno ou externo, segue esse caminho, de extinguir o que há no outro espaço, esvaziá-lo, eliminá-lo. Quanto maior é a extinção da oposição, mais delirante é a mente fascista.

GENOCÍDIO INTELECTUAL: GENOCÍDIOS POR COMISSÃO⁷ E GENOCÍDIOS POR OMISSÃO

“Genocídio” é uma palavra criada pelo jurista Raphael Lemkin em 1944, derivado do grego *genos* (raça tribal) e do latim *cide* (matança). Lemkin descobriu uma palavra que era ligada com “tiranocida” e “homicida” e assim inscrevia-se numa ordem simbólica, permitindo que nós finalmente meditássemos sobre este crime (Bollas, 1998, p. 165).

Bollas segue discutindo a questão do fascismo e do genocídio essencialmente do ponto de vista psíquico a partir de uma tradição inglesa e norte-americana de distinguir tipos diferentes de apresentação do fenômeno de forma resumida. Ele faz uma diferenciação entre dois tipos de genocídio: em um deles há uma participação mais ativa e direta e, em outra, uma espécie de apagamento.

O *genocídio por comissão* comportaria situações tais quais realizar uma *distorção* da visão de mundo do outro, agir de forma caluniosa ou fazer o outro sentir-se menos inteligente/importante ou diminuí-lo; realizar uma *descontextualização*, ao retirar a discussão de contexto ou remover o ser de seu lar, sua tribo, etc.; *depreciar* o que advém deste outro; *assassinar o caráter*, desacreditar a pertinência e idoneidade da fala do outro; além de realizar o que o autor chamou de *mudança de nome*, que seria quando se elimina o nome autêntico do que está em questão e é colocado um apelido pejorativo; e o ato de *classificar a partir de agregação*, quando se “mata” o singular do outro e passa-se a identificá-lo dentro de uma massa.⁸ A questão diferencial seria a forma, não o objetivo essencialmente fascista.

Já o *genocídio por omissão* seria o ato de omitir de forma intencional a referência a um grupo, um pensamento, um indivíduo ou alguma contribuição cultural desse indivíduo e/ou seu grupo. Desconsiderar, apagar. O genocídio por omissão e todos os tipos de genocídio por comissão, porém, apresentam-se concomitantemente, fazendo parte de um *círculo vicioso* entre os fascismos internos e os coletivos.

Assim, a humanidade (partes boas do *self*) de alguém ou de uma atitude é usada para desculpar o lado destrutivo do *self*, perpetuando um *círculo vicioso*. “Quando desculpamos o comportamento destrutivo de alguém ao mencionarmos sua humanidade, cometemos um crime contra a condição humana”, afirma Bollas (1998, p. 169).

“A testemunha que não compactua com a mudança de personalidade que ocorre quando a pessoa atravessa da sanidade para a insanidade do *self* fica

inicialmente chocada com esta mudança” (Bollas, 1998, p. 169), e tal choque pode ocasionar uma dissociação que acaba por criar um processo fascista interno. Ao comentar as vivências de B. Bettelheim nos campos de concentração, Bollas defende que as pessoas que sofreram com o fascismo precisam passar por um processo de recuperação do vivido, não apenas para objetivar os crimes cometidos contra o *self*, mas também para recuperar-se da autodestruição das partes humanizadas do *self* que foram esvaziadas para sobreviver ao momento traumático. Recuperar o que foi esvaziado é essencial para a recuperação das mazelas fascistas em nível individual, de um grupo, de uma instituição ou de um país. É necessária uma *re-humanização* reparadora dos acontecimentos. Do contrário, a repetição do círculo vicioso imperará.

II. O FASCISMO E O GENOCÍDIO TEÓRICO-INSTITUCIONAL PSICANALÍTICO

A ideia de que cada psicanalista (e ser humano) deve desenvolver seu idioma, próprio e singular, permeia toda a obra de Bollas. Ele é um crítico dos movimentos massificados onde os *sel/ves* psicanalíticos se dissolvem em uma linguagem padronizada e estereotipada, e defende que todo analista deve ter como projeto desenvolver seu próprio idioma teórico-clínico a fim de continuar a desenvolver a psicanálise de forma plural e oferecer cada vez mais reflexões auxiliares aos colegas.⁹ Ou seja, defende a criação do maior número possível de caminhos de entendimento das situações culturais e clínicas, ao invés de defender a hegemonia de algumas poucas.

Bollas, que fez sua formação psicanalítica em Londres, é um crítico feroz das escolas psicanalíticas, bem como dos idolatrismos e hegemonias de pensamento que as rodeiam:

Se você pertence à British Society, e nesse caso não importa quem você seja, clássico ou independente, o grupo para o qual você é obrigado a prestar contas é sempre o grupo kleiniano. Achei que isso ia destruir a minha criatividade. Eu não queria falar para os dogmáticos. Para mim, essa conversa nunca é criativa. Portanto, escolhi não ter uma participação profunda na British Society para não ferir minhas aquisições. Escolhi manifestar-me contra os movimentos oficiais dentro da psicanálise. Sou contra qualquer forma de kleinianismo, lacanismo, winnicottianismo, com exceção do freudismo. Sou contra o dismantelamento do corpo e do espírito da teoria de Freud e a criação dessas igrejas com seus bispos e papas; penso que esse fenômeno é destrutivo (Bollas, 1988, p. 138).

No trecho acima, Bollas comenta a questão referindo-se a uma proteção de seu *self*, sua angústia em borrar as diferenças individuais. E, no trecho abaixo, se refere mais diretamente ao fascismo tal qual contextualizamos na parte I:

Essa guerra entre escolas destrói a psicanálise assim como a nossa crença no efeito de uma psicanálise pessoal, porque se você faz parte de um movimento – que eu temo que seja um movimento fascista, no final das contas –, se você participa dele em nome de Melanie Klein, Lacan, Winnicott, etc., como poderia justificar sua análise, já que tal conduta significa um verdadeiro repúdio do caminho que você escolheu para sua vida, enquanto analisando e analisando? Algumas pessoas decidiram dizer que na política não há função para a psicanálise e, portanto, permitem-se distorcer, atacar, difamar a escola e o pensamento do outro com a intenção de eliminá-lo (Bollas, 1988, p. 10).

Nesses trechos da entrevista concedida à revista *Percurso*, em 1998, Bollas demonstra preocupação com uma esterilidade e deturpação da psicanálise, se encarada a partir de ataques ao pensamento dos colegas que possuem ideias distintas. Lembra ele que na arte, na literatura e em correntes diversas de pensamentos ocorreram tentativas de eliminação do diferente. Preocupa-se muito que haja nos grupos psicanalíticos não apenas angústias e conflitos que movimentam o trabalho intelectual, mas, sim, um “esforço consciente de destruir a integridade pensante do outro. Existe no movimento psicanalítico atual uma tentativa deliberada de desacreditar, distorcer, diminuir e anular as diferenças. Isso é um fascismo, um genocídio intelectual” (Bollas, 1988, p. 10).

Apesar de essa entrevista ter sido concedida em 1998, há outra, presente no livro *Momento freudiano* – publicado originalmente em 2007 e editado no Brasil apenas em 2013 (edição já esgotada) –, que reforça a preocupação de Bollas com a existência de um fascismo intelectual da qual a psicanálise não estaria mais vacinada do que os demais vértices da cultura e do conhecimento. Ele segue a reafirmar o que foi dito no capítulo de 1992 e na entrevista de 1988, fazendo uso do termo *genocídio intelectual*, mas acrescentando: “Com demasiada frequência, somos silenciosos a respeito de corrupções e comportamentos destrutivos entre analistas e grupos psicanalíticos” (Bollas, 1988, p. 3).

Na sequência desse raciocínio, Bollas pontua que os “movimentos psicanalíticos atuam no sentido oposto da evolução criativa da psicanálise” e estes são característicos da pulsão de morte, pois “movimentos se fecham e não investem nas ideias de outros grupos psicanalíticos ou de escritores de psicanálise que não pertençam a seus grupos” (Bollas, 1988, p. 4). Ou seja, a crítica de Bollas em relação aos grupos psicanalíticos, além de não ser amenizada pela passagem do tempo, torna-se ainda mais contundente. O autor defende que teorias são visões, objetos-teóricos a serem utilizados como ferramentas, e que cada teoria enxerga melhor algo que escapa a outra, citando as duas tópicas freudianas como exemplo princeps, de que cada uma delas auxilia na visão de determinado ângulo.

É nessa defesa de diferentes terrenos, diferentes linguagens e diferentes *idiomas* que Bollas sustenta sua ética a partir da alteridade, apostando na convivência das diferenças como propulsora de caminhos criativos, seja no âmbito particular, seja no coletivo. Suas propostas clínicas reforçam bastante essa posição ao privilegiar o desenvolvimento do *idioma próprio* do analisando como um fator fundamental para uma boa análise.

Para além da reflexão de Bollas acerca do fascismo contextualizada na primeira parte, creio que esta segunda contribua para que nós, enquanto psicanalistas, possamos olhar para dentro da comunidade psicanalítica, e não apenas para fora, ao refletirmos acerca do tema. Bollas atenta-nos de que é mais fácil ver o fascismo nas outras pessoas, nos outros grupos... Mas que também é necessário olhar para si enquanto psicanalista, olhar para nossas próprias instituições. Refletirmos o quanto estamos de fato contribuindo para o desenvolvimento da psicanálise ou o quanto podemos deslizar de nossas diretrizes de escuta do outro se não estivermos disponíveis para escutar as próprias diferenças entre colegas. Os psicanalistas não são exceção e também não estão vacinados contra o fascismo, ao menos não em sua versão intelectual.

III

Encerremos reafirmando a posição de Bollas quanto a oferecer novos caminhos de pensamento que não excluem outros. Seu estilo de apresentar o máximo possível de temas e colocar em texto todas as reflexões que a clínica lhe propicia, mesmo que por vezes abreviadas e inacabadas, servem – segundo seu pensamento – mais para serem objetos teórico-clínicos úteis para a escuta e a intervenção do que para serem seguidos de modo dogmático ou literal. Em pleno 2021, após incontáveis ocorrências em nível nacional e internacional que, infelizmente, podem ser interpretadas sob a ótica do fascismo e do genocídio, torna-se atualíssimo recolocarmos em debate o que Christopher Bollas escreveu sobre o tema.

NOTAS

2. Bollas tem o costume de ir trabalhando os temas e mudando os termos à medida que sua obra avança. Não seria impossível traçar paralelos com diversos termos utilizados ao longo de sua obra. O que parece imprescindível aqui neste trabalho é enfatizarmos o que ele trabalhou sob as nomenclaturas de fascismo e de genocídio.
3. Em livro, a tradução do termo é por “conhecido não pensado”, enquanto André Martini prefere “o impensado conhecido”, ao afirmar que esta terminologia funcionaria melhor dentro da proposta estético-procedural da experiência que Bollas pretende demonstrar (Bollas, 2015; Martini, 2012).
4. As citações a Rosenfeld referem-se ao livro: Rosenfeld, H. (1987). *Impasse and interpretation*. London: Tavistock.
5. Bollas se refere aqui ao livro: Lifton, R. J. (1986). *The Nazi doctors*. New York: Basic. O autor do livro pensa que no médico operaria, de forma cindida, um *self* “comum” e um *self* de Auschwitz, este segundo sendo o culpado pelas atrocidades cometidas.
6. Sua ideia do reconhecimento das diferentes teorias psicanalíticas como objetos teórico-clínicos úteis ao analista está suficientemente clara no livro *Momento freudiano*.
7. No inglês, “committive”. O termo em português aqui utilizado é o que consta na edição brasileira.
8. Dentre os exemplos, Bollas utiliza: “Ah! Mas é claro que ela é freudiana”.
9. Ideia presente, por exemplo, nos livros *Forças do destino: psicanálise e idioma humano* e *Momento freudiano* e que desenvolvo com mais profundidade em meu texto “O idioma singular e a sua relação com os objetos em Christopher Bollas”, presente na edição 3 da “Revista Pensamento Contemporâneo: Psicanálise e Transdisciplinaridade” (no prelo).

REFERÊNCIAS

- Bollas, C. (1988). Entrevista: Christopher Bollas – Pulsional impiedoso e receptividade materna. **Percorso**, 20, 136-145. Recuperado de http://revistapercorso.uol.com.br/pdfs/p20_entrevista.pdf
- Bollas, C. (1992). **Forças do destino: psicanálise e idioma humano** (R. M. Bergallo, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

ARTIGO

Bollas, C. (1998). **Sendo um personagem** (S.M. A. Carvalho, Trad.). Revinter: Rio de Janeiro.

Bollas, C. (2013) **Momento freudiano** (R.Zeni, Trad.). São Paulo: Roca.

Bollas, C. (2015). **A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado** (F. Marques, Trad.). São Paulo: Escuta.

Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança (A. Cabral, Trad.). In Ferenczi, S. **Psicanálise IV** (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes.

Krüger, L. (2021). O idioma singular e a sua relação com os objetos em Christopher Bollas. **Revista Pensamento Contemporâneo: Psicanálise e Transdisciplinaridade**. Vol. 3, n.1. No prelo.

Martini, A. (2012). Uma antropologia do outro em mim. O impensado conhecido de Christopher Bollas. **Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas**, 22, 77-89.